

Excertos – Multiculturalismo – Pedagogia da esperança (Freire)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

“A minha rebeldia contra toda espécie de discriminação, da mais explícita e gritante à mais sub-reptícia e hipócrita, não menos ofensiva e imoral, me acompanha desde minha infância. Desde a mais tenra idade que reajo, quase instintivamente, contra toda palavra, todo gesto, todo sinal, de discriminação racial. Como também de discriminação contra os pobres que, bem mais tarde, se definia contra a discriminação de classe.

Os depoimentos que ouvi de sul-africanos e sul-africanas, brancas ou negras e negros, quer em Genebra quer nos Estados Unidos, me chocaram e continuam a chocar ainda hoje quando os rememoro como agora. A brutalidade do racismo é algo com que dificilmente um mínimo de sensibilidade humana pode conviver *sem se arrepiar* ou dizer *que horror!*

Ouvi de brancos sul-africanos ou residentes na África do Sul, tão revoltados quanto eu, tão antirracistas quanto eu, narrativas dramáticas de práticas *discriminatórias* impensáveis. E de negros também. “Não posso”, me afirmou uma vez um jovem negro, homem de igreja, para meu espanto e em quase estado de descrença do que ouvia, “dizer, na presença de brancos, *meu Deus*. Devo dizer *vosso Deus*”.

Branco e negro, sul-africanos ou residentes na África do Sul com quem conversei falavam, de modo geral, das relações opressores-oprimidos; colonizadores-colonizados; branquitude-negritude usando elementos de ordem teórica comuns a Fanon, a Memmi e à *Pedagogia do oprimido*. Discutiam também como trabalhar sobretudo com a problematização de situações concretas e, através do aprofundamento da ou das razões de ser da experiência de esmagados que os grupos populares tinham de si mesmos, refazer a sua percepção anterior. Em outras palavras, como perceber a percepção anterior da realidade e assumir uma nova inteligência do mundo sem que isso significasse porém que, por estar sendo percebido de forma diferente, já tivesse sido o mundo transformado. Mas isso significava que, por causa da nova *inteligência* do mundo seria possível criar-se a *disposição* para mudá-lo” (FREIRE, 2020, p. 199-200).

“Reaprendi coisas antes aprendidas, coisas óbvias, como, por exemplo, que a *unidade na diversidade* tem de ser a eficaz resposta dos interditados e das interditadas, proibidos de ser, à velha regra dos poderosos: *dividir para reinar*. Sem unidade na diversidade não há como sequer as chamadas *minorias* lutarem, nos Estados Unidos, pelos direitos mais fundamentais, mais, se se pode dizer, mínimos, quanto mais superar as barreiras que as impedem de “ser si mesmas” ou “*minorias para si*”, umas *com* as outras e não umas *contra* as outras” (FREIRE, 2020, p. 208-209).

Seminário em Chicago, 1973 (FREIRE, 2020, p. 209): “Após a abertura da sessão pela coordenadora, uma a uma, a liderança dos diferentes grupos se levantava e dizia: ‘Somos negros e queremos ficar sós’. ‘Somos índios e queremos estar sós.’ ‘Somos chicanas e queremos um lugar só para nós.’ Com ironia, um jovem negro, voltando-se para um grupo de brancos, disse: ‘Esse é o grupo dos outros’. E os brancos, que silenciosos estavam, silenciosos ficaram” (FREIRE, 2020, p. 210).

“Foi exatamente no silêncio que se fez em seguida à fala da liderança de cada grupo reivindicando seu isolamento que falei e disse: ‘Respeito a posição de vocês mas estou convencido de que quanto mais as chamadas minorias se assumam como tais e se fechem umas às outras tanto melhor dorme a única e real minoria, a classe dominante. Em todas as épocas, o poder, entre muitos direitos que se outorga, sempre teve como condição intrínseca a si mesmo, o direito de perfilar, de descrever quem não tem poder. E o perfil que os poderosos fazem dos a quem falta poder, ao ser encarnado por eles ou elas, obviamente reforça o poder dos que o têm e em razão de que perfilam. Os colonizados jamais poderiam ser vistos e perfilados pelos colonizadores como povos cultos, capazes, inteligentes, imaginativos, dignos de sua liberdade, produtores de uma linguagem que, por ser linguagem, marcha e muda e cresce histórico-socialmente. Pelo contrário, os colonizados são bárbaros, incultos, ‘a-históricos’, até a chegada dos colonizadores que lhes ‘trazem’ a história. Falam dialetos fadados a jamais expressar a ‘verdade da ciência’, ‘os mistérios da transcendência’ e a ‘boniteza do mundo’.

‘De modo geral, num primeiro momento de sua experiência histórica, quem não tem poder aceita, por isso mesmo, o perfil que os poderosos lhe fazem. Um dos sinais de inconformismo dos carentes de poder é a rebeldia contra os perfis que lhes impõem os poderosos’ (FREIRE, 2020, p. 211-212).

“As chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar a *unidade na diversidade*, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substantiva, radical” (FREIRE, 2020, p. 212).

“O que é possível, porém, é que, historicamente, não haja, agora, possibilidade por *n* razões, de realizar-se a unidade na diversidade. Que as bases de cada 'minorias', por exemplo, não tenham amadurecido o suficiente ainda para aceitar o diálogo, o estar *com*, entre elas ou, o mais provável, suas lideranças. Isto é outra coisa. Dizer, porém, que a *unidade na diversidade* é, em si, 'uma afirmação branca', não. Não é correto.” (FREIRE, 2020, p. 212).

“Há um outro aprendizado demasiado importante mas, ao mesmo tempo, demasiado difícil de ser feito, sobretudo em sociedades altamente complexas como a norte-americana. Refiro-me ao aprendizado de que a compreensão crítica das chamadas minorias de sua cultura não se esgota nas questões de raça e de sexo, mas demanda também a compreensão nela do corte de classe, Em outras palavras, o sexo só, não explica tudo. A raça só, também. A classe só, igualmente. A discriminação racial não pode, de forma alguma, ser reduzida a um problema de classe como o sexismo, por outro lado. Sem, contudo, o corte de classe, eu, pelo menos, não entendo o fenômeno da discriminação racial nem o da sexual, em sua totalidade, nem tampouco o das chamadas minorias em si mesmas. Além da cor da pele, da diferenciação sexual, há também a 'cor' da ideologia” (FREIRE, 2020, p. 214).

“A multiculturalidade é outro problema sério que não escapa igualmente a essa espécie de análise. A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado e uma sobre as outras, mas liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma a outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada uma 'para si', somente como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelo todo-poderosismo de uma sobre as demais, proibidas de ser” (FREIRE, 2020, p. 214).

“A tensão necessária permanentemente, entre as culturas na **multiculturalidade** é de natureza diferente. É a tensão a que se expõe por ser diferentes, nas relações **democráticas** em que se promovem. É a tensão de que não podem fugir por se acharem construindo, criando, produzindo a cada passo a própria **multiculturalidade** que jamais estará pronta e acabada. A tensão, neste caso, portanto, é a do **inacabamento** que se assume como razão de ser da própria procura e de **conflitos** não antagonicos, e não aquela criada pelo medo, pela prepotência, pelo ‘cansaço existencial’, pela ‘anestesia histórica’ ou pela vingança que explode, pela desesperação ante a injustiça que parece perpetuar-se” (FREIRE, 2020, p. 215).

“É preciso também deixar claro que a sociedade a cujo espaço por motivos econômicos, sociais, históricos, chegaram outros grupos étnicos e aí se inseriram em relação subordinada, tem sua **classe dominante**, sua cultura de classe, sua linguagem, sua sintaxe, sua semântica de classe, seus gostos, seus sonhos, seus fins, seus projetos, valores, programas históricos. Sonhos, projetos, valores, linguagem que a classe dominante não apenas defende como seus e, sendo seus, diz serem nacionais, como exemplares, mas também por isso mesmo, ‘oferece’ aos demais através de *n* caminhos, entre eles, a escola e não aceita recusa. É por isso que não há verdadeiro bilingüismo, muito menos multilinguismo, fora da **multiculturalidade** e não há esta como fenômeno espontâneo, mas criado, produzido politicamente, trabalhado, a duras penas, na história” (FREIRE, 2020, p. 215).

“Daí, mais uma vez, a necessidade da invenção da unidade na diversidade. Por isso é que o fato mesmo da busca da unidade na diferença, a luta por ela, como processo, significa já o começo da criação da **multiculturalidade**. É preciso reenfatizar que a **multiculturalidade** como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças” (FREIRE, 2020, p. 215-216).

“Num primeiro momento a luta pela unidade na diversidade que é obviamente uma luta política, implica a mobilização e a organização das forças culturais em que o corte de classe não pode ser desprezado, no sentido da ampliação e no do aprofundamento e **superação da democracia puramente liberal**. É preciso assumirmos a **radicalidade democrática** para a qual não basta reconhecer-se, alegremente, que nesta ou naquela sociedade, o homem e a mulher são de tal modo livres que têm o direito até de morrer de fome ou de não ter escola para seus filhos e filhas ou de não ter casa para morar. O direito, portanto, de morar na rua, o de não ter velhice amparada, o de simplesmente não ser” (FREIRE, 2020, p. 216).

“É imperioso irmos além de sociedades cujas estruturas geram **ideologia** de acordo com a qual a responsabilidade pelos fracassos e insucessos que elas mesmas criam pertence aos *fracassados* enquanto indivíduos e não às estruturas ou à maneira como funcionam essas sociedades. Se os garotos negros não aprendem bem o inglês a culpa é deles, de sua incompetência ‘genética’ e não da discriminação a que são submetidos, de raça e de classe, e não do elitismo autoritário com que se pretende impor o ‘padrão culto’, elitismo, no fundo, irmão gêmeo do desrespeito total ao saber e ao falar populares. É o mesmo que ocorre no Brasil, Os meninos e as meninas dos morros e dos córregos não aprendem porque são, de *nascença*, incompetentes” (FREIRE, 2020, p. 216-7).

“De 1973 para 1992 as coisas não mudaram muito quanto à recusa quase sistemática que movimentos antirracistas e antissexistas, indiscutivelmente sérios, opõem à presença da *classe social* na análise compreensiva, de um lado, do fenômeno, do outro, da luta contra ele, bem como contra a tese da unidade na diversidade.

Recentemente, professora universitária, negra, amiga minha, séria e competente, em conversa comigo, com minha mulher, Nita, e o prof, Donaldo Macedo, em Boston, negava veementemente qualquer relação entre classes sociais e racismo.

Ouvimo-la, ouviu-nos, ouvimo-nos, respeitosamente, como em 1973 ouvi os que diziam *não* a minhas análises” (FREIRE, 2020, p. 217).